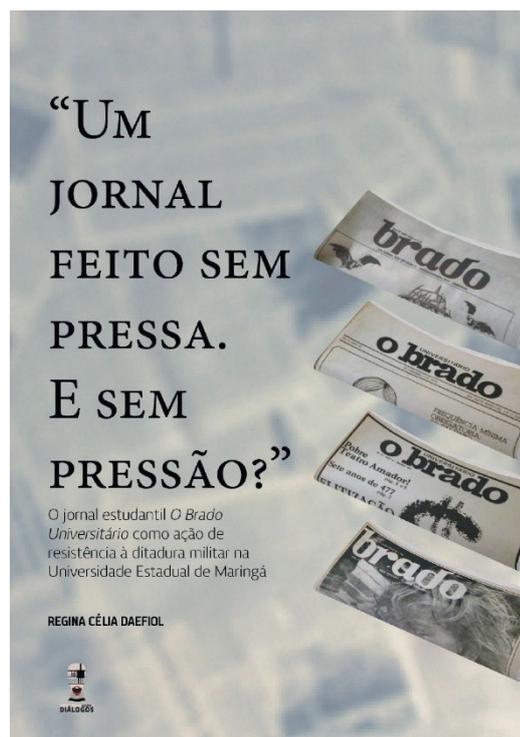


A imprensa universitária na resistência à Ditadura Militar brasileira: uma análise do jornal *O Brado Universitário* e sua atuação na Universidade Estadual de Maringá

RESENHA:

DAEFIOL, Regina Célia. **Um jornal feito sem pressa. E sem pressão?: o jornal estudantil O Brado Universitário como ação de resistência à ditadura militar na Universidade Estadual de Maringá.** Maringá: Diálogos, 2022.



GIOVANA ELOÁ MANTOVANI MULZA*

Sob os auspícios de uma sociedade na qual as memórias sobre a Ditadura Militar Brasileira encontram-se em recorrentes disputa, iniciativas científicas como a obra “Um jornal feito sem pressa. E sem pressão?” (2022) da historiadora e jornalista Regina Célia Daefiol fazem-se imperativas para relembrar os horrores ditatoriais aos céticos da atualidade e para memorar as virtudes que os movimentos de resistência compreenderam. O livro alicerça-se no método historiográfico e na revisão crítica da bibliografia especializada e se propõe a abordar o movimento estudantil maringaense através do periódico *O Brado Universitário*, veiculado ao Diretório Acadêmico Nelson Hungria (DANH)

dos alunos da Faculdade de Direito da Universidade Estadual de Maringá (UEM), cujas edições foram publicadas entre 1973 e 1976. Composto por quatro capítulos, “Um jornal feito sem pressa. E sem pressão?” revela as características e as vicissitudes da resistência dos estudantes universitários diante da repressão ditatorial que então marcava a sociedade brasileira.

No capítulo inicial, deparamo-nos com um debate crítico sobre o papel da grande imprensa na deposição do presidente João Goulart em 1964 e na implantação da Ditadura Militar no Brasil. Segundo a autora, “A atuação da mídia foi, portanto, fundamental para a configuração do clima político favorável ao golpe de Estado.” (DAEFIOL, 2022,



* GIOVANA ELOÁ MANTOVANI MULZA é doutoranda em História Política pela Universidade Estadual de Maringá.

p. 41). Através de uma discussão teórica e da menção a exemplos, a autora se propõe a analisar paralelamente a grande imprensa e a imprensa alternativa – também chamada de imprensa *nanica* – durante o período ditatorial, demonstrando os limites entre ambas e o papel que desempenharam para a construção da memória social sobre a Ditadura Militar Brasileira. Visualizamos um panorama da dinâmica de interesses que marcaram a formação daqueles discursos políticos na medida em que “A relação colaboracionista dos grandes veículos de comunicação com a ditadura militar produziu, para os periódicos da imprensa alternativa, um terreno fértil para crescer em número e relevância.” (DAEFIOL, 2022, p. 50).

O segundo capítulo mergulha no tema da historicidade do movimento estudantil e no papel que ele desempenhou no Brasil enquanto mecanismo de resistência à repressão ditatorial. Regina Célia Daefiol (2022) demonstra os impactos que a Lei 4.464/1964 – a chamada *Lei Suplicy* – buscou exercer para a desarticulação das lideranças estudantis e as estratégias que tais movimentos acabaram recorrendo para sobreviver em meio à violência e à perseguição que se instaurou nos ambientes universitários – sobretudo a partir de 1968, quando “[...] parte da militância estudantil engajou-se na luta armada, mas a grande maioria buscou empreender uma resistência pacífica” (DAEFIOL, 2022, p. 61). Nesse capítulo, podemos vislumbrar a conjuntura de controle e vigilância instaurada nas universidades brasileiras a partir do golpe militar e, sobretudo, a partir das reformas no ensino superior promovidas em 1968, quando a imprensa estudantil potencializava o engajamento universitário na luta contra a repressão. Esse contexto marcou o nascimento do jornal *Poeira* entre os alunos da Universidade Estadual de Londrina

(UEL) e do jornal *O Brado Universitário* entre os estudantes da UEM.

Com base nestas análises contextuais e teóricas, a autora dedica o terceiro capítulo a estudar o movimento estudantil na Universidade Estadual de Maringá, abordando as aproximações daquela instituição com o regime e a dinâmica política instaurada. É neste capítulo que Regina Célia Daefiol (2022) aborda com maior afinco as edições do jornal *O Brado Universitário*, buscando demonstrar, através da crítica historiográfica, como os estudantes maringaenses manifestaram-se contra a Ditadura Militar Brasileira e lidaram com a vigilância implantada dentro do ambiente universitário. Nesse ponto, “Um jornal feito sem pressa. E sem pressão?” (2022) se debruça sobre o corpus documental através do estudo da nomenclatura do jornal, das características do impresso, dos aspectos de sua circulação e das críticas à ditadura que apareciam nas edições. Um elemento interessante desse capítulo consiste na afirmação da postura crítica de *O Brado Universitário* que se manteve mesmo com o aumento da vigilância universitária. A robustez das críticas foi potencializada a partir da décima edição do periódico, onde critica-se a elitização das universidades brasileiras e quando “[...] o jornal passa a trazer mais textos reproduzidos de publicações da imprensa alternativa ou assinados por jornalistas atuantes nesse segmento” (DAEFIOL, 2022, p. 118).

As análises ao jornal também se perpetuam no último capítulo do livro, onde a autora defende a categorização de *O Brado Universitário* como expressão de resistência política. O capítulo também conta com o estudo das charges presentes nas edições daquele jornal, a partir do qual a autora compreende esses recursos imagéticos como partícipes da

crítica estudantil ao regime ditatorial. Regina Célia Daefiol (2022) também dedicou esse último capítulo para narrar o fim do jornal com a extinção do Diretório Acadêmico Nelson Hungria (DANH) em 1976, quando a última edição de *O Brado Universitário* mostrava a insatisfação dos estudantes com as reformas da UEM e a defesa por sua federalização.

Ultrapassando as balizas temporais do período ditatorial, o livro de Regina Célia Daefiol nos remete criticamente a discussões da atualidade, sobretudo no que tange aos eventos políticos brasileiros inaugurados pela deposição da presidente Dilma Rousseff e pela ascensão da extrema-direita. Afinal, lembra-nos das permanências ideológicas do autoritarismo ditatorial e do significativo papel que a memória sobre a Ditadura Militar Brasileira

desempenha nos discursos mandatários das elites políticas atuais. São por essas razões e pelo poder que as memórias desempenham – como destacou Marcos Napolitano (2015) – que obras que se dispõem a tratar cientificamente sobre as dinâmicas do período ditatorial se fazem necessárias. “Um jornal feito sem pressa. E sem pressão?” demonstra a preponderância das ciências – com destaque às ciências humanas e sociais – em um contexto no qual o obscurantismo tende a ser hegemônico.

Referências

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, v. 08, n. 15, nov. 2015, p. 09-44.

Recebido em 2022-05-25
Publicado em 2022-07-01